

## PARTE II

### ENTRE MEMÓRIAS E PALAVRAS: O NEO-REALISMO DE MANUEL DA FONSECA

*As coisas modificam-se, alteram-se e transformam-se porque a marcha das coisas é irreversível. Todavia, há palavras que ajudam a apressar a alteração das coisas. Quem dignamente ousou escrever, durante o ultraje fascista, sabia que estava a contribuir para a modificação do nosso mundo. Que ninguém duvide que Manuel da Fonseca escreveu muitas dessas palavras.*

*Baptista-Bastos*

#### 4.

### Primeiras palavras

Maria Alzira Seixo, ao analisar o romance *Seara de Vento* de Manuel da Fonseca<sup>1</sup>, inicia suas considerações acerca do movimento neo-realista afirmando que: “Poderemos entender o neo-realismo justamente como uma *perspectiva*, isto é, um *modo de ver* e de *dar a ver*”<sup>2</sup>. Tendo como foco uma investigação em torno dos procedimentos de escrita deste escritor, percebemos que a assertiva de Seixo introduz um pensamento alicerçado na crença de uma literatura que se pauta em um olhar específico para o meio em que se insere. Ao buscarmos um entendimento mais profundo das possibilidades interpretativas dessa questão, vemos que a autora insere uma dupla configuração no movimento: uma de caráter subjetivo e outra ancorada em critérios mais objetivados.

Se o neo-realismo constrói-se dentro de um prisma perspectivado e propõe-se a ver o mundo de forma diferente, claramente encontramos um processo de subjetivação intrinsecamente associado à natureza do movimento. Ora, se o neo-realismo configura-se como um modo de ver específico, entramos no campo da percepção, que nos leva a entender o universo como um reflexo daquilo que o olhar do observador se propõe a ver. Nesse sentido, para entender esse movimento em sua raiz necessitamos trazer à tona esse modo de ver e compreender a que se propõe o artista que se insere no contexto do neo-realismo. Em outra direção, nota-se que a afirmativa de Maria Alzira Seixo também impõe um questionamento acerca da transmissão daquilo que se propôs a enxergar. Desse modo, vê-se que após um processo de interiorização e perspectivação do mundo, deixando clara uma subjetivação patente, um processo de objetivação se faz, no sentido de externar e alcançar um público que se interesse pelos modos de percepção engendrados pelos artistas. Assim, fica clara a necessidade do artista neo-realista, e aqui se enquadra perfeitamente Manuel da Fonseca, de introduzir esse duplo movimento no desenvolvimento de seu objeto artístico. Ao mesmo tempo em que processa internamente um modo de se observar e entender o

---

<sup>1</sup>SEIXO, Maria Alzira. “O romance rural na perspectiva neo-realista: ‘Seara de Vento’ de Manuel da Fonseca. In: *Três ensaios sobre a obra de Manuel da Fonseca*. Lisboa: Editorial comunicação, 1980, p-55

<sup>2</sup> Ibid., p-86.

mundo, selecionando e posicionando-se em relação aos elementos que, em sua perspectiva, são de grande valia para si e para o outro, por outro lado necessita, dentro desse mesmo contexto, preocupar-se em dar a ver seu ponto-de-vista, suas angústias e preocupações, objetivando sua linguagem, para alcançar determinados pontos e inserir-se, através de sua ação inventiva, na realidade.

Dentro desse contexto, pensar a escrita de Manuel da Fonseca leva-nos ao encontro de uma literatura que se funde a partir da complexa e improvável comunhão entre um processo de subjetivação lírica e uma contundente objetividade narrativa. Manuel da Fonseca consegue, através de seu estilo próprio, conciliar um rigoroso e incisivo discurso crítico a uma plasticidade emanada da transfiguração de experiências particulares que se interpenetram e fundem-se ao seu discurso, construindo um realismo lírico capaz de ser, ao mesmo tempo, reconhecível, por fazer parte de uma dada experiência do autor, compartilhada pelo leitor, e revolucionária, já que no processo de reconstrução, a realidade exposta não se apresenta decalcada, mas transfigurada, sendo outra, apresentando um leque de possibilidades que movimentam a noção de realidade.